

Festival dos Molheiros

Os encantos da natureza do Corvo a visitar



PRAIA DA AREIA

É o único areal da ilha e a principal zona balnear da ilha do Corvo. Ponto muito procurado por turistas e visitantes, durante o verão. Para além da textura da areia preta e das águas cristalinas, poderá também render-se ao pôr-do-sol.



CALDEIRÃO

É a cratera do vulcão que deu origem à ilha, onde se encontra uma idílica lagoa e pequenas ilhotas. Toda a área envolvente é extremamente rica em biodiversidade, daí a sua classificação como zona protegida. É o grande cartão de visita do Corvo.



BIRDWATCHING

O Corvo é considerado pela Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves um verdadeiro santuário. Ao caminhar pela ilha, pode deparar-se com espécies vindas de vários cantos do mundo. Um paraíso para os amantes de birdwatching.



TRILHO DO CALDEIRÃO

Com uma extensão de 4,8 quilómetros e dificuldade média, este trilho oferece uma descoberta dos encantos do Caldeirão, contornando a massa de água ou apreciando o verde luxuriante que envolve a mesma, em pouco mais de duas horas.



PARQUE DA QUINTA

Situado na zona oeste da ilha, este espaço está enquadrado no meio de vários pomares e pastagens. É local recomendado para um piquenique ou simplesmente para relaxar. Durante o amanhecer e o anoitecer, poderá observar a galinhola.



TRILHO DA CARA DO ÍNDIO

Situado na zona oeste da ilha, é um trilho homologado, de dificuldade média e uma extensão de 4,5 quilómetros. O seu nome deve-se à mais famosa escarpa Corvo, "esculpida" pela natureza de modo a fazer lembrar a cara de um índio.

Fazer chegar mais pessoas ao Corvo nesta altura do ano sempre foi um dos seus objetivos. Tem sido conseguido?

Em termos de acessibilidades, mantivemos os cinco voos semanais com o Faial, mais dois para a ilha das Flores. Contudo, notámos que a procura continua a ser muito maior que a oferta. E já não é só o turista que vem das Flores passar o dia. São cada vez mais os que optam por ficar no Corvo. Salvo erro, temos, neste momento, 38 camas. E está tudo praticamente cheio: os voos, os barcos. Por isso, já não é muito fácil chegar cá. Ainda não conseguimos que a Atlânticoline projetasse uma rotação que permitisse fazer a cobertura de dias à semelhança do que já acontece com as festas concorrentes de outras ilhas. Mas temos já contacto com o presidente da empresa no sentido desse pedido ser atendido no próximo ano.

E que surpresas reserva a edição deste ano do Festival dos Moinhos (que integra a Festa de Nossa Senhora dos Milagres)?

Vamos repetir, no final da festa em honra da Senhora dos Milagres, ao cair da noite, um espetáculo de fogo-de-artifício.

E que diferença faz esta festa e este festival na dinâmica da ilha do Corvo?

Faz muita. Obviamente que no cartaz não nos podemos equiparar a outros eventos do género, uma vez que os recursos são diferentes, até porque não temos a mesma capacidade de investimento. Contudo, associando a parte musical à parte religiosa, conseguimos atrair à ilha, com facilidade, mais de 200 pessoas. E há, claramente, uma troca de experiências muito enriquecedora entre quem chega e quem recebe.

A dinâmica económica, naturalmente à escala da ilha, também se altera...

Se falarmos em 200 pessoas, mesmo que cada uma gaste por dia um euro em água e um euro em pão – que obviamente é muito mais do que isso – o resultado da soma é deveras interessante. Isto para não falar nas receitas que se geram em termos das dormidas e de outros serviços que são prestados a quem nos visita nesses dias.

Neste momento a oferta de alojamento e de



Entrevista

“São cada vez mais os turistas que optam por ficar no Corvo”

José Manuel Silva, presidente da Câmara Municipal do Corvo, apesar de reconhecer que o fluxo turístico está a crescer, reclama um melhor planeamento no que respeita ao transporte marítimo, com objetivo de trazer ainda mais gente de outras ilhas, por altura das festas, mas também durante o Verão



restauração são suficientes ou precisam de um incremento?

Mal de nós se assumirmos que o que está chega. Era sinal que nos conformamos e, essa não é a nossa forma de ver as coisas.

A ilha ainda apresenta lacunas, principalmente na restauração. Neste momento, temos apenas um restaurante a funcionar e alguns snack-bares. Ao nível do alojamento, julgo que ainda há espaço para mais. Contudo nesta fase, considero que uma oferta de 36/38 camas já é satisfatório. Temos de ter em conta que o festival são quatro dias e o verão, pouco mais de dois meses. Portanto há que ter noção que da viabilidade de certos investimentos, uma vez que é preciso garantir a sua sustenta-

bilidade nos meses em que a procura, não é tão acentuada.

E o que gostaria de ver alterado no próximo ano?

Gostaria de ver a operação de transporte marítimo a contribuir para que gentes de todas as ilhas pudessem vir ao Corvo conviver e usufruir dos encantos da ‘mais pequena’ ilha. Este ano, tínhamos uma filarmónica de São Jorge que pretendia vir ao Corvo por ‘carolice’, sem custos para a organização do festival ou para a igreja. Não vem porque não consegue tocar na procissão, já que teria de sair antes da mesma para garantir o regresso. Termos um barco a chegar no primeiro dia do festival e a sair depois das festividades religiosas, garantiria que 300/400 pessoas pudessem chegar ao Corvo. E isso era um salto muito grande em termos de afluência ao festival e à festa.



Festa de Nossa Senhora dos Milagres

“Uma imagem tão pequena que conquistou uma devoção tão grande”

O padre Artur Cunha diz-se impressionado com a dimensão da devoção à “Senhora pequenina do Corvo”, presente no dia a dia dos corvinos (e não só), em momentos de aflição, mas também de alegria

Chegou à ilha do Corvo há quatro anos e rendeu-se à forma como a gente da terra sente e vive a devoção a Nossa Senhora dos Milagres que, segundo as lendas, foi encontrada junto à costa, numa caixa de madeira, vinda sabe-se lá de onde... Reza também a lenda, que terá sido por seu intermédio que a ilha terá sido poupada, no século XVI, a ataques de piratas e das respetivas balas. A imagem de Nossa Senhora do Rosário terá passado, por força do sucedido, a chamar-se de Nossa Senhora dos Milagres. Uma crença que se foi perpetuando no tempo.

“Ainda há tempos tive relato de uma família que, estando no continente português, viu o carro derrapar e virar para o lado esquerdo. Caso tivesse sido para o direito, teriam caído numa ravina e teria sido fatal. Atribuíram essa graça à “senhora pequenina”, como lhe cha-

mam (e a verdade é que a imagem mede apenas 50 centímetros), explica Artur Cunha.

“Mas essa devoção não se vê e sente só nos momentos de aflição. A prova disso é o que se vive durante a festa. Depois da procissão, as pessoas levam a imagem para o recinto das festas. Fica lá como se quisessem partilhar com ela a alegria da festa. E só regressa a imagem à igreja lá para o fim da noite, num outro momento de grande emotividade. É quando as pessoas, com palmas, se despedem, com sentido de gratidão e de encontro no próximo ano”. Momentos igualmente vividos com grande intensidade e apego por dezenas e dezenas de florentinos que cruzam o mar que os separa do Corvo para darem testemunho da sua fé e gratidão à Senhora dos Milagres, a padroeira da ilha vizinha mas que também sentem como sua. Há



quem venha pagar promessas, outros porque já não passam sem vir a esta festa, outros ainda para homenagear aqueles devotos que, fazendo a mesma viagem, na década de 40, acabaram por naufragar a poucos metros de terra. Um momento que todos os anos é lembrado com uma coroa de flores que é lançada ao mar. Episódios de um culto que Artur Cunha acredita ter sido reforçado pelo isolamento a que as ilhas do grupo ocidental estiveram sujeitas. “Principalmente o Corvo. Agora a ilha não está tão isolada mas nem sempre foi assim. Tempos houve em que esta gente estava entregue a si mesma. Grandes temporais, barco que só passava uma vez por mês, entre outras tormentas. E, assim sendo, voltaram-se para Nossa Senhora como fonte de esperança e de consolo. E isso continua até aos dias de hoje”.

Animação musical



“Per7ume” são cabeça de cartaz no Festival dos Moinhos

Ao Corvo, este ano, chegam duas bandas do território continental para o Festival dos Moinhos. Do Porto, a banda de pop-rock “Per7ume” e, de Cascais, a banda de versões de música portuguesa, “Boca Doce”

“Boca Doce”, a banda que se inspira nos grandes êxitos da música portuguesa para compor criações musicais arrojadas, com sentido de humor e criatividade, foi a escolha da Associação de Jovens da Ilha do Corvo para a abertura de mais uma edição do Festival dos Moinhos, no próximo dia 12.

Diogo Vieira, o presidente, fala em “opções à medida do orçamento disponível”, resultante, em grande parte, da candidatura a

apoios do Governo Regional. “Não é fácil, mas temos conseguido trazer nomes que garantem uma boa atratividade em termos de cartaz. E a prova disso é, este ano, os “Per7ume”, uma banda que dispensa apresentações”.

“Per7ume” que têm como temas sonantes “Mudo” ou “Se me falas assim” e que em 2010 foram nomeados para os prémios MTV EMA (Best Portuguese Act), sobem ao palco na segunda-feira, dia 14, logo depois de Francisco Ourique, o artista que chega da ilha Terceira com temas da música popular e que tem a seu cargo a abertura da festa, não só na segunda-feira, mas também no domingo.

Há talentos musicais que também chegam de outras ilhas do arquipélago, como é o caso do Faial, das Flores e de São Miguel. É o caso dos “Rock it!”, no dia 12, uma banda faialense, em que dois dos seus músicos, noutro agrupamen-

to musical, já tiveram oportunidade de pisar um palco no Corvo. Já da vizinha ilha das Flores, chegam os “StereoMixer”, também presentes no cartaz do festival “Cais das Poças”, que se termina hoje em Santa Cruz. De São Miguel para o Corvo, uma vez mais, um dos nomes de referência das noites dos Açores, DJ Play (Rúben Melo), para garantir o melhor som das pistas de dança, no serão do dia 14. Outro DJ a integrar as escolhas para a edição deste ano do Festival dos Moinhos é “DD”, um jovem corvino de 17 anos que tem feito furor nas festas da ilha e que, neste certame, promete repetir a receita de sucesso.



Gastronomia

Festa na ilha faz-se numa única mesa

Enquanto decorrem as festas de Nossa Senhora dos Milagres e o Festival dos Moinhos, só há um lugar onde é possível almoçar ou jantar: o restaurante instalado no Jardim Municipal



É a única fonte de receita da Comissão das Festas de Nossa Senhora dos Milagres, por isso, todos fazem por contribuir, incluindo os espaços de restauração da ilha que, durante o certame, fecham portas. Por essa razão, até os trabalhadores das duas empresas envolvidas nas obras do Porto da Casa, que habitualmente têm as refeições asseguradas no restaurante, nos dias de festa, vão passar a almoçar ou jantar num local diferente. Deste modo, “canalizam-se” os comensais, sejam residentes ou forasteiros, para a tenda instalada no Jardim Municipal, onde há uma zona coberta com mesas. Caso o tempo permita e as pessoas assim o desejem, também há lugar à degustação dos sabores regionais ao ar livre, com espaços para o efeito na zona envolvente.

“Temos, neste momento, todas as condições necessárias para preparar as refeições no recinto das festas, uma vez que foi construída, no ano passado, uma cozinha com tudo o que era preciso, o permite mais facilidade em servir um



maior número de pessoas”, revela Gorete Hilário, presidente da Comissão das Festas de Nossa Senhora dos Milagres. Uma ajuda preciosa já que, a juntar à população residente, são esperadas mais 100 a 200 pessoas na ilha. “Tendo em conta esses números, fizemos por garantir que não falta nada. Por exemplo, fizemos a matança de dois porcos para assegurar os torresmos e a linguiça durante a festa até porque são duas das nossas iguarias típicas”.



Mas a ementa vai muito para além da afamada linguiça do Corvo ou dos torresmos. Na mesa, garantidamente, não faltará a morcela, o iname, a entremeada, o frango frito ou grelhado, já para não falar nos sabores do mar, como as lapas, os chicharros ou o bacalhau.

Nas sobremesas, a variedade também será grande mas há uma presença que é obrigatória: a malassada, feita na hora.

“É uma festa que dá muito trabalho mas onde também há muita ajuda. Muitas mãos que não param para garantir que tudo funciona. É empenho da gente da terra mas de quem vem de fora, muitas vezes, também faz questão de colaborar. Acho que é essa envolvência que torna esta festa tão especial, ao ponto de, quem vem uma vez, fica com vontade de regressar”.



Património a descobrir

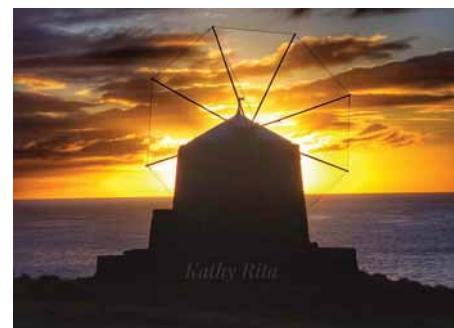
Casas e ruas que contam histórias das vivências “na mais pequena”

Passear pelo Núcleo Antigo de Vila do Corvo é viajar no tempo e na história das vivências das gentes da mais pequena ilha do arquipélago dos Açores, espelhada a cada passo nas canadas e inscrita a cada pedra nas moradias. Mas, descendo um pouco mais, encontra ainda encantos únicos na igreja, no porto ou nos moinhos

Classificado como Imóvel de Interesse Público, o Núcleo Antigo de Vila do Corvo é um dos grandes cartões de visita da ilha. As casas concentradas encosta a cima e ligadas por canadas estreitas e labirínticas convidam à descoberta. E a verdade é que cada passo, há um testemunho de tempos que o tempo se vai encarregando de alterar. Algumas casas foram adaptadas com o que a modernidade exige. Outras, resistem... São essas que garantem a tal viagem... Regra geral, apresentam-se com as fachadas viradas para sul. Em termos de divisão, as casas deste núcleo antigo contam-se dois pisos de pedra e coberturas de duas águas em telha de meia-cana tradicional. Ainda que os novos

tempos tenham ditado mudanças de hábitos e de costumes, a verdade é que muitas dessas moradias ainda conservam as eiras ou os currais. Outra das imagens únicas que por aqui encontrámos são as fechaduras de madeira, típicas desta pequena ilha e uma das mais peculiares peças do artesanato açoriano. Há quem as considere “o último testemunho de uma época em que as matérias-primas eram escassas, mas grande era o engenho e a necessidade de preservar as propriedades em tempo de assaltos de corsários e piratas”. E na descoberta dos encantos do património edificado, é incontornável, ao descer do núcleo antigo da vila, a contemplação da igreja de

Nossa Senhora dos Milagres, onde salta à vista o adro em calhau rolado (pedra miúda retirada de orla marítima). Depois uma passagem pelo Porto da Casa. Dos três portos existentes na ilha, é o único em funcionamento. Os restantes estão em ruínas, destino que não tiveram os três moinhos de vento, poucos metros acima do Porto da Casa. Originários do séc. XIX, pertencem ao Inventário do Património Histórico da ilha e oferecem uma vista privilegiada para a vizinha ilha das Flores, constituindo, deste modo, uma excelente forma de fechar com chave de ouro esta viagem pelo património edificado “da mais pequena”, como lhe chamam as gentes da terra.



72, 73, 74, 75
AGOSTO 2017



FESTIVAL DOS MOINHOS '17
Festa de Nossa Senhora dos Milagres

sábado 12/08



ROCK IN

DJ
DD

segunda 14/08

Francisco Ourique



DJ

PLAY

domingo 13/08

Francisco Ourique

STEREOMIXER



terça 15/08

MÚSICA
AMBIENTE
E
ARREMATAÇÕES



Organização:

Comissão de
festas N. Sra.
dos Milagres



Apóios:

Governo dos Açores
Instituto Regional da Educação, Ciência e Cultura
CORVO



sata The Atlantic
and You



1
ONELOVE
LIVE. LOVE. LOVE. LOVE.

